

Ernesto d'Andrade  
CLUL / FLUL

M. Céu Viana  
CLUL

### Que horas são às (1)3 e 15 ?

A ambiguidade do título desta comunicação resulta do modo como em português se processa a eventual ligação da consoante ou vogal final de um vocábulo com a consoante ou vogal inicial do vocábulo seguinte. Casos de ambiguidade deste tipo são, apesar de tudo, muito pouco frequentes.

Num débito normal, sem rotura<sup>1</sup> melódica desambiguidadora, as sequências "3 e 15" e "13 e 15" tornam-se homófonas. Com efeito, o -s de *três* pronuncia-se [z] porque se encontra em posição intervocálica, pronúncia idêntica à do -s- de *treze* cujo -e final não tem realização fonética por se encontrar antes de um [i].

Uma vez consideradas todas as combinações de grafemas e sons entre fronteiras de palavra verificou-se que, na maior parte dos casos, os elementos mantêm a sua pronúncia característica em posição isolada no dialecto aqui considerado<sup>2</sup>.

1. a. diga Ana [dígeanu]
- b. triste amigo [tristemígu]

---

<sup>1</sup> É hábito estabelecer-se uma diferença entre a forma comum em português "rotura" e a forma erudita "ruptura". Embora tenhamos já utilizado esta última forma, optámos agora pela primeira, uma vez que nos parece enquadrar-se melhor no espírito da ortografia portuguesa e evidencia graficamente o parentesco com outras formas como "romper". Note-se que se entrasse em vigor o "Acordo Ortográfico" de 1990, uma vez que muitos locutores não pronunciam o *g*, teríamos mais uma variante ("rutura") que nos parece injustificada.

<sup>2</sup> Sobre as características do dialecto e do estilo adoptados, cf. Viana, Andrade, Oliveira e Trancoso (1991).

c. táxi preto [táksiprétu]

Foram apenas retidas no Quadro 1 as possibilidades combinatórias em que se verificam alterações resultantes da concatenação. Parece ter-se chegado a um quadro relativamente simples, correspondendo a 16 situações (9 casos de encontros vocálicos e 7 envolvendo consoantes). Essas situações dizem respeito a apenas 9 sons: 4 consonânticos, todos coronais, ([l, s, z, ʒ]) e 5 não-consonânticos ([v, a, ɔ, j, w]).

	Posição Final		Posição Inicial		Result.
	Letra	Som	Letra	Som	
1	a	v	a	v	a
2				ê	ã
3				a	a
4	a	a	a	v	a
5	e	ɔ	e	i	ɔi
6		j	Vogal (-i)	V	ju, jv
7	i	j	Vogal (-i)	V	jV
8	o	w	Vogal(-u)	V	wV
9	u	w	Vogal	V	wV
10	l	l	Cons.	C	lC
11	s	s	Cons. Surda	C	sC
12		ʒ	Cons. Voz	C	ʒC
13		z	Vogal	V	zV
14	z	s	Cons. Surda	C	sC
15		ʒ	Cons. Voz	C	ʒC
16		z	Vogal	V	zV

Quadro 1 - Lista de encontros vocálicos e/ou consonânticos em que se verificam alterações resultantes da concatenação.

Uma consoante em posição final têm um comportamento absolutamente regular (cf. I.10 a I.16).

2. a. mil patas [milpâtes]
- b. três capas [trêskâpês]
- c. três vidas [trêzvidús]
- d. três asnos [trézâñus]
- e. dez capas [deškâpús]

f. dez vidas [dɛ̃z'vidɔs]

g. dez anos [dɛ̃z'ãnu]

Essa regularidade já não é tão clara para alguns casos de encontros vocálicos. Por exemplo, a situação 1.6. representa, de algum modo, uma excepção visto que *g* não tem, em geral, realização fonética antes de uma palavra iniciada por qualquer vogal:

3. a. triste amigo [tristunigu]
- b. disse o Zé [disuzɛ]
- c. viu-lhe a careca [viwãkureka]
- d. fosse obrigado [fósobrigádu]
- e. verde único [vérdúniku]
- f. deixe o livro [dɛ̃jsulivru]

1.6. ilustra casos como:

4. a. disse-o [disju]
- b. o facto de o ver [ufãktudjuvér]
- c. deixe-o [dɛ̃jsju]
- d. deixe-a [dɛ̃jsje]

À mesma sequência gráfica ...e o correspondem duas transcrições: [u] e [ju] (cf. 3.b., 3.f. e 4.a., 4.b. e 4.c.). Estamos perante um caso sem solução se nos situarmos num plano quer gráfico, quer fonético, quer fonológico. Note-se, contudo, que o problema se resolve parcialmente se tivermos em consideração a categoria morfológica do *o* [u]. O iode aparece obrigatoriamente sempre que o segundo elemento é um pronome e não quando este é um artigo (cf. também 3.c. e 4.d.). No entanto, numa sequência de dois clíticos, ou da preposição *de* e um pronome, o iode nunca aparece, facto que a própria grafia reconhece.

5. a. disse-lho [disu]
- b. mostro-tas [mõstrutás]
- c. deu-mas [dévmas]
- d. o livro do Zé [ulivruduzɛ]
- e. a da tia [vɔtív]

Há casos, também, em que não é suficiente fazer apelo à categoria gramatical do segundo elemento:

6. a. se o dia [sjudíʋ]
- b. se a Joana [sjuzwéne]
- c. que o Zé [kjuzɛ]
- d. que o dê [kjudê]
- e. se a vir [sjuvír]
- f. que a Zé [kjuzɛ]

Aqui, o iode aparece devido às palavras gramaticais que e se.

São palavras gramaticais como que, se e de que levam à presença de um [ɔ], cf. 1.5, antes do e [i] da cópula, em sequências como

7. a. que e que [koikɔ]
- b. se e se [soisɔ]
- c. de e de [doisɔ]

O facto de na maioria dos casos, mesmo antes de vogal, o g não ter realização fonética (cf. 3) pode ser responsável pela generalização que consiste em eliminar o iode das palavras gramaticais, em certos estilos e em certos dialectos.

8. a. que a tia vá [kufiavá]
- b. se o avô vir [swavóvir]
- c. o que é que teve? [ukéktév]
- d. porque é que veio [purkékvéju]

Note-se, no entanto, que tal nunca se verifica na situação descrita em (7), provavelmente devido a razões de estruturação rítmica. Note-se também que a sequência fonética [kv], para além de corresponder a que u (cf. 8.a.) corresponde, em dialectos socialmente marcados, a com a. Este facto, no nosso entender, nada tem a ver com o facto de com ser uma palavra gramatical, mas com o processo, muito comum em português popular, da desnasalização em posição final de vogais ou ditongos átonos ex: home, virge, montage, garage, lavage e órfo. Tal facto, que nada tem a ver com a influência do francês (cf. lavage = "comida de porcos") fornece uma explicação para outra pronúncia alternativa de com a [kvw]. Depois de a nasal ter desaparecido, o

[u] (ou o /o/ que, sendo átono será [u]) fica em posição final e semi-vocaliza, por influência da vogal seguinte.

Para além dos casos previstos em 1.5. e 1.6. existe ainda um grupo de formas, os numerais, que constitui uma exceção à regra mais geral (o *g* não tem realização fonética) na medida em que apresentam um iode antes de uma vogal tónica que não seja [i].

9. a. doze obras [dóʒj ɔbrus]
- b. onze horas [óʒj ɔrus]
- c. quinze armas [kĩzj ármus]

Os numerais *sete*, *dezasete* e *nove*, *dezanove* são exceções ao comportamento excepcional dos numerais, isto é, não têm iode:

10. a. sete horas [sɛ ɔrus]
- b. nove árias [n ɔvárijɐs]

É a generalização do comportamento da maioria dos numerais que torna possível que certas pessoas andem *cheias de nove horas* ([j ɔ]).

As situações descritas em 1.1. a 1.4. dizem respeito à realização de *a* e *á* átonos e correspondem a exemplos como os de 11.a a 11.d., respectivamente.

11. a. a abóbora [ab ɔburɐ]
- b. casa antiga [kázãtíguɐ]
- c. diga Aldina [díga |dĩnu]
- d. disse à Anita [dísãnita]

As transcrições de 11. diferem das propostas por Gonçalves Viana (1973:237), para quem uma sequência [av], [va] ou [aa] resulta sempre num [a] longo. As observações por nós realizadas indicam que o alongamento resultante da concatenação de duas vogais apenas se verifica se elas forem foneticamente idênticas. A diferença entre 11.c. e 12., por exemplo, reside unicamente na diferença de quantidade.

12. diga à Aldina [díga: |dĩnu]

Um exemplo de 1.7. é 13.a e de 1.8. e 1.9. é 13.b. e 13.c., respectivamente. 1.6. e 1.7. dizem respeito à semivogal [j] (grafias -e e i) e 1.8. e 1.9. à semivogal [w] (grafias -o e -u).

- 13. a. táxi azul [táksjezú]
- b. salto alto [sáltwáltu]
- c. deu a roda [déwɛrɔdɛ]

1.1. a 1.11. referem-se a encontros em que o primeiro elemento é sempre uma vogal átona. Os encontros em que a primeira vogal é tónica não estão incluídos no quadro uma vez que não se verificam alterações na pronúncia dos elementos em contacto<sup>3</sup>.

Temo-nos vindo a referir à resolução de encontros vocálicos e consonânticos, dois a dois. Há casos, no entanto, em que é necessário considerar um contexto mais alargado. Por exemplo, na sequência se o erro a aplicação de 1.5 produziria [sju] e a de 1.8 [wé], isto é, teríamos a representação 14.a., que é incorrecta, e não 14.b..

- 14. a. \*[sjwéru]
- b. [sjuéru]

A sequência [jw], incorrecta em 14.a., é perfeitamente normal em 15.

- 15. foi o erro [fójwéru]

Uma sequência de duas semi-vogais, quer diferentes quer idênticas, pode ocorrer com a condição de estar precedida e seguida de uma vogal. Há casos, contudo, em que um -o, quando pronome, não semivocaliza. O facto de o pronome não se encontrar precedido e seguido de vogal explica certamente a razão por que não semivocaliza.

- 16. a. deu-o o Álvaro [déwuwálvɛru]
- b. deu-o o Zé [déwu:zi]

---

<sup>3</sup> Repare-se que em sequências como "vi aves", que apresentam duas vogais tónicas em contacto, a primeira pode parecer mais fraca (ou até semivogal). Tal facto é devido à diferença de proeminência que decorre da estruturação prosódica do enunciado. De um modo geral o verbo tem um grau de acento inferior ao do constituinte seguinte (cf. Viana, 1987).

Note-se, por último, que não foram incluídos no quadro todos os casos de sequências de duas consoantes com o mesmo modo e ponto de articulação, uma em posição final e outra em posição inicial, qualquer que seja a sua grafia. Há casos em que se realizam como uma só consoante simples (cf. 17.a-c) e outros em que não. (Cf. 17.d-e) Repare-se a este respeito, por exemplo, que, mesmo num estilo formal, /s/ e /ʒ/ são sempre simplificados.

17. a. dois chás [dojʃás]
- b. dois gémeos [dojzémjus]
- c. Faculdade de Letras [fukuldádlétres]
- d. sabe bem [sábbẽj]
- e. disse sim [disiĩ]

A importância de o modo e o ponto de articulação serem idênticos é ilustrada pelo comportamento das sequências de vibrantes. Um falante que utilize a variante múltipla alveolar simplificará essas sequências ao passo que um outro que utilize a variante múltipla velar não o fará.

18. a. mar roxo [máɾóʃu]
- b. mar roxo [máɾrôʃu]

Se a descrição dos fenómenos de *sandhi* é interessante do ponto de vista pedagógico, ela é indispensável para qualquer sistema de processamento automático da fala, quer de síntese quer de reconhecimento.

Para além da variação dialectal, os fenómenos de *sandhi* estão em estreita relação com o débito, o estilo e o grau de coesão prosódica dos constituintes a que pertencem os elementos em contacto. Estamos, por conseguinte, perante uma questão complexa que, como vimos, não pode ser descrita fazendo apelo, exclusivamente, a critérios de ordem segmental. Trata-se de um conjunto de fenómenos que podemos considerar "tardios" e que, possivelmente por isso, não tem merecido muita atenção. A maior parte das descrições referem-se apenas à realização de -l, -s e -z em posição final e à contracção das preposições com artigos ou pronomes.

Uma descrição mais sistemática dos fenómenos de *sandhi* é importante para o ensino do português como língua estrangeira, uma vez que são frequentes realizações não adequadas por parte de locutores que, noutros aspectos, até dominam muito bem a língua. Ela é certamente fundamental para a qualidade da síntese de fala a partir do texto para a qual é indispensável uma transcrição fonética ajustada ao dialecto e estilo escolhido e suficientemente fina para permitir o controle correcto da evolução temporal das características espectrais. Num sistema de reconhecimento automático da fala, o conhecimento dos fenómenos de *sandhi*, em conjugação com o acento, pode ser utilizado para a segmentação do contínuo sonoro.

### **Bibliografia**

- Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis (1892) - "Exposição da pronúncia normal portuguesa" in Viana (1973) Estudos de Fonética Portuguesa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, pp. 153-258.
- Viana, M. C. (1987) - *Para a Síntese da Entoação em Português*, Diss., INIC, Lisboa.
- Viana, M. C., E. Andrade, L. C. Oliveira e I. M. Trancoso (1991) - "Ler\_PE: Um utensílio para o estudo da ortografia do Português. VII Encontro da APL, Lisboa.